

# “ELES NÃO USAM *BLACK-TIE*”: O RISO E A COMÉDIA NA DITADURA MILITAR

Fátima Maria Ribeiro de Carvalho (Bolsista PIBIC/CNPq), Érica Rodrigues Fontes  
(Orientadora, Departamento de Letras/UFPI)

## Introdução

O teatro apesar de ser uma forma de expressão artística cuja essência está na independência e liberdade de interpretação e manifestação de pensamento, geralmente ligado a fatos cotidianos e histórias que transmitem anseios humanos e tudo o que a estes é dado pensar, teve no Brasil um período no qual sua força motivadora foi tolhida e censurada. Apesar de ter sido escrita antes do estabelecimento da Ditadura, Eles não usam *black-tie* transmite ao expectador conflitos trabalhistas e ideológicos que se tornam embates familiares entre os personagens da peça, e esses mesmos conflitos são os que mais tarde, em 1964, também contribuiriam com o golpe militar.

Essa pesquisa tratará da análise da peça Eles não usam *black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, com relação as suas inovações temáticas e a presença do cômico diante do período de repressão vivido na Ditadura Militar no Brasil, procurando, através do estudo da produção teatral da época, identificar as formas pelas quais, em termos de linguagem, o teatro se desvencilha das amarras da repressão.

O movimento político militar que instalou o regime ditatorial no país foi deflagrado em 1964 com a deposição de João Goulart por contrariar o empresariado, as lideranças militares e os partidos de oposição com reformas de base junto às classes trabalhadoras. O poder de governo foi transferido então às Forças Armadas e, no mesmo ano, foi baixado o Ato Institucional I que determinava a eleição pelo Congresso Nacional do novo presidente da República, dando a ele o poder de demitir funcionários públicos e cassar direitos de qualquer cidadão. No período de 1964 a 1966, predominava a tendência liberal conservadora, implantando-se a fase propriamente ditatorial a partir de 1967 perdurando até 1974, quando os militares da linha liberal retomaram o poder e promoveram uma abertura gradual que se encerrou em 1985 com a eleição (ainda que indireta) do político de oposição Tancredo Neves (KOSHIBA; PEREIRA, 2004, p. 394-395).

Após 1968, quando o Ato Institucional 5 suspendeu a proteção ao indivíduo contra a violência do Estado e as liberdades políticas e individuais dos cidadãos, foi que a Guarnieri restou o uso da metáfora e do cômico como um esforço de libertação.

A peça Eles não usam *black-tie* foi encenada em 1958, período em que se armava o contexto que desencadeou o Golpe Militar de 1964, com o trabalhismo sendo considerado a ante-sala do comunismo. É nesse contexto que os fatos se desencadeiam na peça que transmite anseios populares contemporâneos.

## Metodologia

O primeiro procedimento foi a coleta de dados bibliográficos acerca da Ditadura Militar no Brasil, para que uma análise do contexto histórico no qual está inserida a obra e o autor em estudo fosse possível, de forma que se pudesse vislumbrar os anseios, problemas e expectativas da classe trabalhadora personificada na peça Eles não usam *black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, através dos personagens.

Em seguida foi feita a leitura da peça supracitada para levantamento dos principais elementos

temáticos utilizados na obra com o objetivo de identificar e analisar a presença do cômico e de que forma este questiona a identidade nacional, além da leitura de O riso e o risível na história do pensamento, de Verena Alberti, e de O riso: ensaio sobre a significação do cômico, de Henri Bergson, no intuito de conhecer os mecanismos de produção do cômico, assim como teorias sobre o riso, o risível, o cômico e o trágico na história do pensamento a fim de entender as intenções do autor ao usar recursos cômicos no decorrer da peça.

### **Resultados e Discussão**

Ambientada no seio de uma comunidade simples, Eles não usam *black-tie*, de Guarnieri, retrata os infortúnios, anseios e certo otimismo da rotina dos cidadãos comuns no tempo que antecede a Ditadura. Retratando, também, um contexto onde as pressões por direitos trabalhistas conflitavam com os interesses dos industriais.

Através das personagens de D. Romana, a mãe que, sempre preocupada, cuida da família; de Chiquinho, o filho mais novo, alheio aos conflitos familiares e aos da sociedade da época; de Otávio, o pai que almeja melhores condições de trabalho e de vida, vendo a greve como um meio de alcançar tais objetivos, com o foco no coletivo; e de Tião, o filho mais velho, que discorda do pai, preferindo prezar pelos seus anseios pessoais e pelo progresso da família que se vê prestes a formar com Maria, a noiva grávida, Guarnieri demonstra que a situação política vigente é refletida na relação entre pai e filho, cujo conflito interfere na paz do íntimo familiar, assim como reflete na sociedade como um todo, daí a metáfora usada pelo autor, tomando o cenário familiar como amostra do que afligia a sociedade da época.

As recorrentes discussões na família demonstram um cenário em que se coloca em combate o interesse coletivo e o interesse individual; o pensar coletivo, refletido na figura do pai, é característica marcante da época em que o cerceamento dos direitos despertava nas pessoas o espírito de luta por ideais sociais.

Bergson (1983, p. 8) sugeriu ao leitor que “imagine-se afastado, assistindo à vida como espectador neutro: muitos dramas se converterão em comédia”, o que justifica do fato de que, ainda que façam parte de momentos tensos da peça, as discussões entre pai e filho, frequentemente interferidas por Romana, são capazes de provocar o riso talvez por serem situações cuja intensidade alivia o espectador por não ser um dos sujeitos envolvidos e pelo fato de as interrupções, feitas pela mãe, acabarem por cortar o fio das discussões ferrenhas entre pai e filho, de modo que elas não tardam a terminar.

Mesmo com as tentativas da noiva, de seu pai e de sua mãe de convencê-lo de que a vida pode ser boa, ainda que no morro, Tião não adere à greve e passa a ser mal visto pelos colegas, que é uma atitude condizente com a postura que o governo e o empresariado dominante esperavam dos cidadãos, ou seja, ficar inertes aos mandos e desmandos a que eram submetidos. O desapontamento de Otávio frente à atitude do filho é tamanho, que ele acaba por expulsá-lo de casa, por vê-lo como um covarde e traidor de seus tão valorizados ideais.

Apesar de a peça em estudo ter como foco principal a delicada situação de seus personagens e da sociedade da época, o uso de elementos cômicos lhe serviu como catalisador da inserção de sua idéia principal na mente do leitor ou espectador, pois “se é certo que o teatro é uma

ampliação e simplificação da vida, a comédia poderá nos dar, sobre essa questão particular do nosso tema, mais instrução que a vida” (BERGSON, 1983, p. 35).

### **Conclusão**

Foi possível identificar na peça Eles não usam *black-tie* o uso de metáforas como forma cômica de relato do cotidiano que vivenciava o início de tempos de repressão dos direitos individuais, assim como observar o humor como instrumento lingüístico e temático na obra, visto que o autor se utiliza da linguagem como produtora potencial do riso, utiliza expressões perspicazes e fuga proposital à norma padrão.

A revisão da literatura acerca do riso e da comédia girou em torno do material bibliográfico que revelava além de artifícios de produção do caricato, as origens dos conceitos que embasam o estudo do cômico desde a antiguidade, como em O riso e o risível na história do pensamento, de Verena Alberti, o que auxiliou na compreensão e análise da obra de Guarnieri.

No livro O riso: ensaio sobre a significação do cômico, de Henri Bergson, é tratada a comicidade em geral: suas formas de expressão, os lugares onde esta deve ser buscada, sua presença nas situações, nas palavras e no caráter, além da determinação de seus procedimentos de fabricação, que incluem os mecanismos de produção do cômico, entre os quais o mais presente na peça em estudo foi o do boneco de mola, que, basicamente, consiste numa força que se obstina e em outra que a combate, em alusão ao brinquedo infantil, uma vez que na referida obra em análise idéias se contrapõem gerando o resultado que provoca o riso, apesar da gravidade da realidade vivida pelos personagens.

Na pesquisa, foram feitos estudos acerca do período histórico desde o contexto em que surgiu a peça até a época da Ditadura propriamente dita e, com base na leitura que constitui o referencial teórico deste escrito, foi feito um levantamento dos principais elementos temáticos reveladores do cômico contrastado com o trágico, identificando neles ideais que se contrapõem em um contexto social real na época. Assim, considerando o teatro como reproduzidor da realidade, conclui-se que este encena, na referida peça, os anseios populares contemporâneos que, devido à repressão cultural e social vivida em tempos de totalitarismo encontraram no uso do riso e do risível um artifício para expressá-los.

### **Referências**

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: FGV, 1999.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

GUARNIERI, Gianfrancesco. Eles não usam Black-tie. In *Gianfrancesco Guarnieri*. Série o Melhor Teatro. PRADO, Décio de Almeida (org.). São Paulo: Global Editora, 1986.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. *História Geral e Brasil: trabalho, cultura, poder*. 1 ed. São Paulo: Atual, 2004.

SANTOS, Carlos Aparecido dos. O teatro na época da Ditadura. In *HistoriaNet*. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=716>>. Acesso: 01 de fevereiro de 2012.

**Palavras-chave:** Ditadura. Riso. Cômico.